

EDITORIAL

A SPP junto da comunicação social e do poder. O fundamental e o acessório

De acordo com os seus estatutos, compete à SPP a *promoção e protecção da saúde e a educação e formação profissional através do estímulo do estudo e da divulgação de todos os assuntos relacionados com as doenças respiratórias, sob qualquer aspecto ou modalidade*. Dentro do entendimento maximalista que a direcção tem deste articulado, entendemos ser nosso dever, além das acções habituais da Sociedade, intervir na comunicação social e junto das sedes do poder, no sentido de atingir esses objectivos.

A comunicação social tem sido encarada como um objectivo e como um meio. Pelos meios de comunicação social pretendemos chegar profundamente à população com as nossas preocupações e os nossos conselhos em matéria de saúde respiratória. Embora os resultados dessa acção possa ser útil aos pneumologistas como grupo profissional, as razões que nos movem são determinadas basilarmente pelo desejo de convidar os dez milhões de portugueses a preocupar-se com a saúde do seu aparelho respiratório.

A intervenção na comunicação social constitui também um meio indirecto de afirmar a especialidade entre os restantes médicos e a opinião pública e uma forma de chegar aos órgãos do poder com as nossas propostas. Temos boas razões para pensar que, sem o recurso a esse instrumento, fomos ignorados repetidamente no passado, não chegando muitas vezes a fazer ouvir a razão dos nossos motivos. O papel que nos é reconhecido em alguns dos grandes problemas de saúde (sida, luta antitabaco, intensivismo) pode ser exemplar a esse respeito: sendo problemas exteriores à Pneumologia no passado, têm vindo a requerer progressivamente o nosso contributo. Embora a actividade dos nossos profissionais nos seus lugares de trabalho por todo o país tenha representado o papel principal, há um longo caminho a percorrer que requiere todos os meios legítimos.

Com a tomada de posse do novo governo, pedimos à Sra. Ministra da Saúde uma entrevista para lhe apresentar algumas das preocupações que os associados têm exprimido repetidamente. Nessa entrevista os temas eleitos foram a tuberculose os problemas dos insuficientes respiratórios e a cooperação com os PALOP(s). Sobre a

tuberculose foi reafirmado o nosso empenhamento na implementação do Programa Nacional de Luta contra a Tuberculose, como forma de manter uma política coerente e prolongada de combate à doença que não seja interrompida a cada novas eleições legislativas; a Sra. Ministra manifestou a intenção de continuar a linha de actuação que vem de trás, no que respeita ao Programa e à equipa nacional. Sobre os problemas dos insuficientes respiratórios, entregámos documentos preparados pela Direcção e pela Comissão de Trabalho homóloga com o pedido à Sra. Ministra para considerar o assunto como urgente e confiá-lo aos seus assessores, contando com a disponibilidade da SPP. Sobre cooperação manifestamos a oportunidade e o desejo de criar laços com as ex-colónias, dando e recebendo experiência em algumas matérias especiais (tuberculose, sida).

Dessa entrevista, além de dever realçar a simpatia e sensibilidade da Sra. Ministra, devo retirar o significado mais profundo: a presença oportuna da SPP junto da responsável máxima da política de saúde, com propostas sérias.

Há uma reflexão que deve ser feita e permanentemente repetida. Apesar dos nossos esforços poderem ser lidos como gestos de promoção dos pneumologistas como grupo ou classe profissional (ou até pessoais), este efeito é meramente secundário e nunca foi colocado no núcleo das nossas preocupações. Penso que devemos sempre procurar cumprir os estatutos da SPP com a preocupação de excluir objectivos corporativistas, tanto quanto possível. Penso assim, 1) porque não me parece honesto de outro modo e 2) porque quem assim age perde a credibilidade, também em relação aos objectivos nobres pretendidos. Na generalidade, o modo mais eficiente de dignificar os pneumologistas é pela intervenção competente e serena nos problemas de saúde que nos dizem respeito, sem excluir outros profissionais de saúde interessados (clínicos gerais, internistas, infecciosologistas, alergologistas, etc.). Sublinho de novo que a mais-valia de prestígio dos últimos anos se deve ao nosso trabalho disperso, enquanto nos esforçamos por cumprir os nossos deveres profissionais.

J. Agostinho Marques